

# “Não pode!”: A função Paterna e a Obesidade Infantil

Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes  
Stéfani Zanovello Dezan  
Valéria Barbieri

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Ribeirão Preto, SP, Brasil

## RESUMO

Embora a literatura científica reconheça o papel da família como promotora de um ambiente emocional passível de favorecer o desenvolvimento e a manutenção da obesidade infantil, a maioria dos estudos dessa natureza restringiu-se principalmente à consideração do papel e da função materna nesse contexto, negligenciando o valor do pai nesse processo. Visando preencher essa lacuna, este estudo teve como objetivo compreender os psicodinamismos de pais de crianças obesas e sua influência no exercício da paternidade, de modo a ampliar o conhecimento do processo emocional subjacente a essa patologia, conforme vivido no relacionamento familiar. Participaram cinco homens casados, entre 32 e 44 anos, de nível socioeconômico médio. Realizou-se avaliação psicológica por meio de entrevista, Desenho da Figura Humana e Teste de Apercepção Temática. Os dados foram analisados segundo a abordagem psicanalítica. Os pais apresentaram dificuldade no contato com a própria agressividade, não admissão da impulsividade, uso de defesas rígidas e alto nível de exigência em relação aos filhos. O exercício da paternidade foi por eles vinculado mais ao suprimento material do que ao afetivo, o que seria passível de contribuir para que as crianças também se relacionassem com objetos concretamente (ingestão alimentar).

**Palavras-chave:** Pai; criança; obesidade; técnicas Projetivas.

## ABSTRACT

*“Can't Be!": The Paternal Function and Childhood Obesity*

Although the literature acknowledges the family's role in providing an emotional environment that contributes to the development and maintenance of childhood obesity, most studies of this nature were restricted mainly to the maternal role and function in this context, neglecting the value of the father in the process. Aiming to fill this gap, this study intended to understand the psychodynamics of fathers of obese children and its influence on the exercise of paternity in order to expand the knowledge of the pathology underlying this emotional process, as experienced in the family relationship. Five married men participated in the study, aged between 32 and 44 years, with average socioeconomic level. Some psychological evaluations were made through interviews, Human Figure Drawing and Thematic Apperception Test; the results were analyzed according to a psychoanalytic approach. The fathers presented problems when in contact with their own aggressiveness, no admission of impulsivity, use of inflexible defenses and high levels of requirement related to the children. The exercise of parenthood was more linked to their physical supplies than to their affection, which could contribute for the children to also relate with objects concretely (food intake).

**Keywords:** Fathers; children; obesity; projective techniques.

## RESUMEN

*“No puede!": La Función Paterna y la Obesidad Infantil*

Aunque la literatura reconoce el papel de la familia como un espacio emocional capaz de promover el desarrollo y mantenimiento de la obesidad infantil, la mayoría de los estudios de este tipo se limitaba principalmente a la consideración de la función y el papel de la madre en este contexto, descuidando del valor del padre en el proceso. Con el objetivo de llenar este vacío, este estudio tuvo como objetivo comprender la psicodinámica de los padres de niños obesos y su influencia en el ejercicio de la paternidad con el fin de ampliar el conocimiento de la patología subyacente de este proceso emocional, como las experimentadas en las relaciones familiares. Participaron cinco hombres casados, con edad entre 32 y 44 años, de nivel socioeconómico regular. Se hicieron evaluaciones psicológicas a través de entrevista, Dibujo de la Figura Humana y Test de Apercepción Temática; los datos fueron analizados segundo el abordaje psicanalítico. Los padres tenían dificultad con el contacto con la propia agresividad, no admitían la impulsividad, utilizaban defensas muy duras y alto nivel de exigencia en relación a sus hijos. El ejercicio de la paternidad se vinculaba más con el material que la oferta de lo afectivo, lo que sería susceptible de contribuir a los niños también relacionasen con objetos concretos (la ingesta de alimentos).

**Palabras-clave:** Padres; niños; obesidad; técnicas proyectivas.

## INTRODUÇÃO

A compreensão do papel da família no desenvolvimento emocional infantil tradicionalmente priorizou o modo como a mãe desempenha a sua função, em detrimento do pai (Motta, 2006). Contudo, vários estudos mostraram a relevância de ambos os pais na evolução afetiva infantil (Rohner, 1998; Outeiral & Celeri, 2002; Mishima, 2007; Scaglia, 2011). Romanelli (2003) assinala que são poucas as pesquisas que tiveram como foco a paternidade em comparação aos trabalhos que abarcam a maternidade; além disso, a relação entre a díade pai-filho(a) vem sofrendo alterações, relacionadas à história e à cultura, contribuindo para a construção de um novo conceito de paternidade. Desse modo, apesar do destaque dado à função da mãe no desenvolvimento da criança, atualmente a paternidade é que necessita com urgência receber maior atenção dos investigadores clínicos e do desenvolvimento humano (Klatau, 2002).

De acordo com Etchegoyen e Trowell (2002), antes de 1970 havia pouca literatura referente à paternidade, devido a uma falta de simetria nos relacionamentos da mãe e do pai com a criança. Além disso, a aproximação emocional com o bebê é mais facilmente assimilada à maternagem, relegando a paternidade mais para o contexto e o ambiente em que o relacionamento entre a mãe e a criança ocorre. De acordo com esse ponto de vista, as mães estariam mais ligadas aos seus filhos até por uma continuidade das condições biológicas próprias da gravidez expressa em uma maior aproximação física. Por sua vez, caberia aos pais proverem à mãe e ao recém-nascido as condições externas de sustentação, econômica e cultural, protegendo, assim, a díade.

Todavia, entre as décadas de 70-90, as pesquisas passaram a desmistificar a crença de que os pais eram ineficazes ou mesmo inadequados biologicamente para os cuidados infantis, assinalando a importância do papel do pai e destacando que a carência do amor do mesmo pode implicar em um mal-estar físico e emocional do indivíduo provocando problemas comportamentais e psíquicos (Rohner, 1998).

Os estudos psicanalíticos relacionados ao desenvolvimento humano também estiveram mais focados na díade mãe-criança, resultando em um vasto campo de conhecimento sobre a importância dessa relação para o desenvolvimento psíquico. Freud, Klein, Anna Freud, Mahler, Bion, Winnicott e Bowlby, dentre outros, figuram entre os principais teóricos interessados no estudo do vínculo primitivo entre mãe e filho (Etchegoyen & Trowell, 2002). Apesar disso, esses autores assumem que existe algum tipo de representação interna da figura paterna, isto é,

pais existem como objetos do mundo interno da criança. Além disso, entendem que a mãe transmite para a criança a representação que ela própria tem do pai, tornando pouco relevante a presença física dele (Etchegoyen & Trowell, 2002).

Winnicott (1965/1982) preconiza a participação efetiva da presença paterna na vida da criança desde o início da sua existência, com funções variadas, de acordo com o estágio do desenvolvimento emocional, com destaque mesmo antes das questões relacionadas às vivências edípicas serem significativas. Assim, embora sua teoria tenha salientado o papel da mãe, ele não desconsiderou o pai, tendo como pressuposto a ideia de que esta figura é necessária, não como uma réplica da figura materna, mas por seus próprios direitos. Esse autor destaca que o recém-nascido caracteriza-se, principalmente, por uma imaturidade, o que o torna absolutamente dependente dos cuidados suficientemente bons de uma mãe. Nos estágios iniciais da vida, em que a mãe é o ambiente imediato do bebê, ambos estão fundidos em uma só estrutura, compondo um par corporal. É de grande importância o que ocorre no interior dessa relação para a constituição do recém-nascido. E é nesse ponto que o pai, antes de surgir como um dos pilares do triângulo edípico, já se faz necessário na vida da dupla, pois é ele o responsável por sustentar essa relação, possibilitando que ela ocorra (Winnicott, 1965/1982; Rosa, 2009).

No estágio de dependência absoluta, o pai, mesmo indiretamente, participa da relação mãe-bebê, assumindo um papel de “mãe substituta”, a partir de seu “elemento feminino puro” (Winnicott, 1968/1996). Além disso, ele oferece um tipo especial de *holding* à mãe, protegendo-a das influências externas, para que ela possa dedicar-se ao bebê. Do mesmo modo que a mãe cria com seu corpo e cuidados um espaço para o bebê habitar, o pai cria um espaço para a dupla. Esse suporte é de extrema importância, pois a mãe, identificada com seu bebê, encontra-se em um estado parcial de regressão e dependência, necessitando de alguém que contenha essa carência. Logo, o pai também compõe o ambiente total em que o bebê habita (Winnicott, 1965/1982; Rosa, 2009).

No estágio de dependência relativa, as funções paternas de “mãe substituta” e de apoio da dupla adquirem novos contornos. A crescente desadaptação da mãe com relação às necessidades de seu filho só ocorre mediante a ajuda do pai, que a auxilia a sair do estado de preocupação primária, reivindicando-a para si como esposa. A partir daí, o pai será o primeiro vislumbre que a criança tem da totalidade pessoal, tornando-se, assim, um modelo de integração (Winnicott, 1965/1993; Winnicott, 1969/1994).

Nesse ponto, o bebê começa a perceber alguns aspectos nos cuidados da mãe, como firmeza, ordem e inflexibilidade, que são associados à figura do pai; ocorre, então, uma duplicação da figura materna, que é subjetiva, mas passa a ser vista com certa objetividade. A partir daí, aquilo que é paterno começa a ser esboçado (Winnicott, 1966/1993).

No estágio do concernimento ou rumo à independência, o pai entra definitivamente na vida da criança como uma terceira pessoa, uma figura forte e protetora, que poderá conter a destrutividade de seus impulsos amorosos primitivos em relação à mãe, para que a criança possa vivenciar suas potências destrutivas sem medo de destruir a figura materna. Assim, o pai constitui a representação de um ambiente indestrutível, responsável por dar continuidade ao processo de desilusão iniciado pelos fracassos adaptativos da mãe. Ele, sobrevivendo aos ataques do filho com firmeza e acolhimento, possibilitaria a discriminação entre fantasia e realidade externa (Rosa, 2009). Assim, a criança vai sendo capaz de perceber as várias relações familiares e os lugares ocupados por seus membros, como a relação especial e excitante entre o pai e a mãe, da qual ela não participa, na qual ela é a terceira (Dias, 2003; Rosa, 2009).

Fulgencio (2007) destaca que Winnicott atribui ao pai uma diversidade de papéis que acompanham o processo de desenvolvimento emocional da criança, distanciando-se daquele centrado na vivência do Complexo de Édipo, pressuposto pela Psicanálise tradicional. Nesse sentido, o pai também pode oferecer afeto e auxiliar no cuidado com os filhos.

Contudo, de acordo com pesquisa realizada por Freitas, Silva, Guedes, Lucena e Costa (2012) com dez pais, o modelo patriarcal tradicional, em que predomina a função de provedor do pai, ainda é preponderante, subjugando o fornecimento afetivo no cuidado com os filhos. Silva e Piccinini (2007) também desenvolveram uma pesquisa com pais, em que demonstraram significativa participação destes na vida dos filhos, oferecendo cuidados e responsabilização em diversos contextos. Contudo, sua participação, bem como a provisão material, foi variável e dependia dos compromissos profissionais paternos. Esses pais criticaram o exercício da própria paternidade, afirmando a necessidade de ter um tempo maior para o contato com seus filhos.

Para Bauman (2004), a atual sociedade é marcada por um conflito: mesmo que os laços afetivos entre os indivíduos estejam mais frouxos e solúveis, busca-se constantemente referências sólidas, como as proporcionadas pelas relações da instituição familiar. Contudo, ao mesmo tempo em que há a necessidade de

se conectar com o outro para suprir relações ausentes, tal ligação deve ser frágil, para que possa ser dissolvida com facilidade quando o indivíduo julgar conveniente. Em consonância a esta ideia, Hennigen (2010) destaca a existência de um confronto de significações vivido pelo homem contemporâneo: exige-se dele no mundo público (trabalho) e no privado (ser um bom pai). Mesmo que o patriarcado se mostre em declínio, atualmente os pais têm um lugar de extrema relevância no ambiente familiar e são vistos como importantes para o desenvolvimento infantil.

Assim, o papel paterno contemporâneo é permeado pela pluralidade, como demonstrado no estudo de Moreira, Rabinovich e Silva (2009). Os autores entrevistaram diferentes grupos de crianças baianas, de diversas localidades e níveis socioeconômicos, acerca do significado que atribuíam à família e aos familiares. Uma das perguntas era “o que é ser pai”, e as respostas variaram de acordo com o nível sócio educacional, bem como o local da moradia, incluindo qualidades como “lúdico”, “cuidador”, “não sei”, “provedor”, “afetivo”, “disciplinador”, “trabalhador”, “bom”.

Winnicott (1965/1993) sustenta claramente que o papel da família (e do pai em particular) no desenvolvimento da sintomatologia infantil está ligado à qualidade da relação que ele estabelece com a criança: quando ela é positiva, permite que a criança construa uma personalidade forte e flexível, independente e autoconfiante. Por outro lado, caso o pai e a mãe estejam em conflito, a criança pode ter dificuldade para desenvolver-se emocionalmente e, assim, ser capaz de se expressar espontaneamente, com criatividade, e estabelecer um sentimento de continuidade com o mundo, o que influenciaria o desenvolvimento de fantasias que determinam a hostilidade ou uma visão benevolente de mundo.

Nesse caso, o terreno estaria preparado para o surgimento de uma patologia, seja ela de ordem emocional ou psicossomática ou, ainda, para o favorecimento de uma enfermidade física decorrente do comportamento da criança, como no caso da obesidade, que não é ligada a transtornos endocrinológicos, mas que surge em consequência de perturbações do comportamento alimentar.

A obesidade é uma das patologias infantis mais estudadas atualmente devido às consequências que ela acarreta para a saúde física e psíquica. Nos Estados Unidos há 16% de crianças e adolescentes com sobrepeso e 34% com risco de sobrepeso, com um aumento anual em sua prevalência de 0,3 a 0,9 pontos percentuais (Wang & Beydoun, 2007). A Organização Mundial da Saúde estima que aproximadamente 10% dos indivíduos entre 5 e 17 anos estejam com excesso

de gordura corporal, sendo que 2% a 3% são obesos, correspondendo a 155 milhões de crianças com excesso de peso e de 30 a 45 milhões de obesas ao redor do mundo (Fisberg, Cintra, & Oliveira, 2005). Lobstein, Baur e Uauy (2004) confirmam que os dados são preocupantes: na China uma em cada 13 crianças está acima do peso, no Brasil uma em sete, e na Itália uma em três. No Brasil, considerando as regiões Sudeste e Nordeste, Abrantes, Lamounier e Colosimo (2002) encontraram que a incidência de obesidade em crianças foi de 8,2% no Nordeste e 11,9% no Sudeste; considerando as duas regiões a prevalência de obesidade entre crianças do sexo feminino foi de 10,3% e de 9,2% para o sexo masculino.

Como os pais são os primeiros educadores nutricionais, responsáveis pela formação do comportamento alimentar da criança, o papel que eles podem desempenhar nessa enfermidade é relevante como tema de investigação (Mishima, 2007).

Appart, Tordeus e Reynaert (2007) destacam que a obesidade revela, além da dinâmica do comportamento alimentar do indivíduo, também a de sua família, acrescentando que o excesso de gordura funciona como uma proteção contra situações estressantes. Além disso, esta doença denota a paralisação psíquica da pessoa diante das crises do desenvolvimento inerentes ao ciclo de vida.

Desse modo, Grunspun (2003) salienta que o problema alimentar é mais um distúrbio sintomático do que uma entidade nosológica, pois expressa a perturbação da personalidade da criança.

Campos (2005) ressalta que a maior incidência de obesidade se relaciona com a dinâmica ambiental familiar, particularmente nos casos de pessoas que já têm predisposição genética, apresentando, além do excesso de ingestão alimentar, os seguintes fatores constitutivos de sua etiologia e manutenção: sedentarismo, hábitos alimentares inadequados, relacionamento intrafamiliar complicado, consumismo, desmame precoce, relações afetivas alteradas, intensos conflitos e distúrbios do vínculo mãe-filho.

Para Békei (1984), a obesidade é uma doença psicossomática tipicamente infantil, causada por uma perturbação na relação mãe-filho. A empatia da mãe para com seu filho tem influência fundamental nos hábitos alimentares dele, pois é ela quem irá reconhecer suas necessidades nutricionais. Nesse sentido, Benedetti (2003) afirma que a mãe narcisista, que não percebe as necessidades de seu filho, oferece alimentos a ele conforme seus próprios desejos, de uma maneira que ele não pode sentir as inquietações nem ultrapassar a indiferenciação eu – não-eu. O excesso de ingestão alimentar seria, então, uma defesa, que

surge da persistência do narcisismo primário, no qual a relação de simbiose com a mãe continua, sem permitir o amadurecimento emocional.

Todos estes estudos foram unânimes em considerar a relação entre mãe e filho como um dos fatores determinantes da obesidade infantil, mas nenhum deles incluiu um exame do papel do pai nesta dinâmica. Mesmo que as suspeitas sobre o vínculo direto entre ele e a obesidade da criança não tenham sido consideradas como suficientemente fortes para merecer uma investigação particular, a aceitação do pressuposto de que ele teria uma ação indireta na ligação da criança com a mãe mostra que a ausência de pesquisas sobre o pai deixa uma lacuna importante na compreensão dessa patologia. Diante desse hiato, o presente estudo teve por objetivo investigar, por meio de avaliação psicológica, os psicodinamismos de pais de crianças obesas e como eles poderiam interferir no exercício da paternidade, visando compreender se eles contribuiriam na determinação ou na manutenção dessa patologia que ganha a cada dia uma proporção maior no mundo contemporâneo.

## MÉTODO

O projeto de pesquisa de onde esses dados foram derivados foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (ofício número 114/08) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Tratou-se de uma pesquisa realizada na perspectiva qualitativa de investigação científica, fundada no método clínico, estratégia metodológica do estudo de caso instrumental e coletivo (Stake, 2000), empregando técnicas projetivas de investigação da personalidade.

Participaram do estudo cinco homens com idades entre 32 e 44 anos, pais de meninos obesos (de idades entre 7 e 10 anos), casados e de nível socioeconômico médio: Paulo (44 anos), Fernando (36 anos), Márcio (32 anos), João (37 anos) e Carlos (43 anos)<sup>1</sup>. Os pais foram indicados por uma equipe médica de um Centro de Saúde, que tratava das crianças devido à obesidade.

Após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os pais passaram por avaliação psicológica individual, por meio de uma entrevista não estruturada (com a pergunta norteadora: “Me conte um pouco sobre o relacionamento com seu filho (obeso)”) e dois procedimentos projetivos, a saber, o Desenho da Figura Humana (DFH) e cartões selecionados do Teste de Apercepção Temática (TAT), com vistas a informar,

<sup>1</sup> Todos os nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade e o sigilo ético.

respectivamente, sobre a estrutura de personalidade dos pais e sobre o seu funcionamento psicológico.

As pranchas escolhidas para a aplicação do TAT foram: 1, 2, 3 RH/MF, 4, 6 RH/MF, 13 HF, 7 RH/MF, 12 H/F, 16, 17 RH/MF, aplicadas nessa ordem. A escolha foi feita segundo dois critérios: o primeiro deles foi baseado nas análises de diferentes trabalhos realizadas por Jacquemin, Barbieri e Okino (2001), cujos resultados mostraram que a maioria das pesquisas que utilizaram séries reduzidas do TAT elegeram como forma de base uma série composta pelos cartões 1, 2, 3 RH/MF, 4, 6 RH/MF, 7 RH/MF e 13 HF. Também foram incluídas mais cinco pranchas, cujos conteúdos latentes pareceram relevantes para a compreensão dos psicodinamismos dos pais, em aspectos particularmente relevantes para o exercício da paternidade: 16 (o ideal do sujeito, expectativas e condições de vida que o fariam feliz); 12H e 12F (agressão, perigo, medo e relação entre pais e filhos); 17MF e 17RH (perigo e medo e depressão e suicídio) (Silva, 1984, citado por Jacquemin et al., 2001).

Os resultados do DFH foram avaliados em acordo com as recomendações de Buck (1964/2003) e os do TAT segundo o referencial de Morval (1982). Complementarmente, foi realizada uma avaliação dinâmica tanto dos desenhos do DFH como das histórias do TAT, por meio do método da livre inspeção do material (Trinca, 2013), utilizando como *background* a teoria psicanalítica winnicottiana do desenvolvimento emocional.

Após a avaliação de cada técnica e elaboração da síntese final de cada caso, foi realizada uma síntese interpretativa dos resultados dos cinco pais, organizada em torno de cinco eixos que se mostraram relevantes em suas produções: autoimagem, controle pulsional, natureza dos objetos internos (figura materna e paterna) e defesas predominantes. Essa síntese teve o intuito de compor, não uma imagem única, mas um quadro geral, amplo e profundo, ao mesmo tempo que, revelando similaridades dos participantes, pudesse servir como baliza e ponto de partida para compreender um pouco mais como são esses genitores, e quais são os seus recursos e limites no exercício da paternidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Entrevista

Os pais, ao relatarem seu relacionamento com o filho obeso, disseram apresentar dificuldade em estabelecer limites, preferindo que a mãe exercesse tal função, em especial quanto à quantidade de comida ingerida e às atividades escolares das crianças. Contudo, mesmo delegando à esposa este papel, eles acabavam exigindo

desta que o cumprisse com severidade e rigidez e, caso ela não o fizesse, eles mesmos acabavam por punir severamente o filho, sem mostrar flexibilidade para agir de outra maneira, e sem explicar para a criança as razões para agirem daquela forma.

Todos os pais demonstraram alto nível de exigência para com os filhos, assim como para consigo próprios: desse modo, por não se permitirem cometer erros, eles também não suportavam que a criança os cometesse. Em vários momentos eles relataram que queriam ser os melhores em tudo, principalmente na profissão, pois, assim, conseguiriam oferecer o suporte financeiro necessário à família. Com isso, essa exigência repercutia apenas na provisão concreta e material para a família, em detrimento da afetiva. Em decorrência da necessidade de serem perfeitos, os pais transmitiam aos filhos esta mesma postura, de uma maneira muito severa, sem aproximação afetiva, com exigências grandiosas, difíceis de serem cumpridas pelas crianças. Assim, o cuidado do filho era permeado pela cobrança, dificultando aceitar tudo aquilo que se distanciava do bom e correto, como a agressividade. Quando as crianças se mostravam mais impulsivas ou reagiam com oposição, os pais logo reprimiam suas atitudes, alegando que deveriam ser boas o suficiente para conseguir algo. Essa maneira de agir e de viver a paternidade sugere a dificuldade de integração da própria agressividade no *Self* pelos pais, prejudicando a expressão da criatividade e espontaneidade, bem como a capacidade de empatia para com a criança.

Quanto às suas expectativas com relação aos filhos, os pais afirmaram que esperavam que a criança conseguisse obter sucesso na vida, principalmente profissional (como almejado para eles próprios). Para isso, as crianças precisariam saber se controlar, sem demonstrar instabilidade, já que as emoções poderiam “atrapalhar” o desenvolvimento e a realização pessoal. A obesidade não foi percebida pelos pais como uma dificuldade da criança; o foco principal era que os filhos soubessem lidar com os afetos para obterem sucesso, independentemente de sua saúde física, como observado nas falas: “O mais importante é ele estudar e ser alguém” (Fernando), “O que importa é atingir o (lado) profissional com honestidade” (Márcio).

**DFH:** Ao serem solicitados a desenhar, todos os pais reclamaram, afirmando que não gostavam muito dessa atividade e não sabiam como fazê-la. Apesar disso, cumpriram a tarefa proposta. Todos desenharam a figura masculina em primeiro lugar, indicando identificação com o próprio sexo. Essa figura foi feita com características idealizadas, voltadas para o “bem da humanidade” (sic), indicando um ideal de ego com

exigências irrealistas que eles buscavam atingir (como Fernando, que fez a figura de Jesus Cristo).

No inquérito, três dos pais escolheram o rosto como representativo da melhor parte do corpo, desenhando a cabeça em tamanho grande (Paulo, Márcio e João), mas não souberam explicar as razões de sua preferência. Em relação à melhor parte do corpo da figura feminina, Paulo disse: “O rosto também, porque o rosto ainda expressa uma feição de verdade, de honestidade, de carinho”. Carlos, ao se referir à melhor parte do corpo da figura masculina, disse: “Acho que são os olhos, porque são os olhos que dá luz, dá visão, é a parte mais importante”. Fernando, ao falar sobre a pior parte do corpo da figura feminina: “Pior parte? É... se torna o julgamento, porque muitas vezes não consegue almejar o seu objetivo e acaba julgando as pessoas”; e Márcio: “A pior parte é a tristeza dela, porque ela fica triste com pouca coisa”.

A figura feminina foi vista como dominante (Carlos a desenhou como “a matrona”), ou aquela que protege (Maria, mãe de Jesus, feita por Fernando). De forma geral, essa figura foi representada destituída de conotação sexual e até de maneira infantilizada, como no caso de Márcio que optou por desenhar uma criança de quatro anos de idade.

Os momentos de maior mobilização afetiva surgiram quando os pais precisavam confrontar-se com as conotações sexuais das figuras, que foram particularmente geradoras de intensa angústia, que eles buscavam controlar por meio da evitação, da idealização, da intelectualização, do isolamento e da racionalização. Nesse sentido, os desenhos feitos foram destituídos de características sexuais e representativos de figuras ideais e angelicais, tanto na produção da figura masculina quanto na da feminina. Para manter essa imagem da perfeição, os pais demonstraram alto nível de exigência consigo mesmos, buscando fazer tudo de maneira correta, sem cometer erros assim como fazem com seus filhos. Assim, reclamaram muito que os desenhos que faziam estavam feios ou, ao contrário, sustentavam que não existia uma “parte pior” da figura. Ainda, um dos participantes, João, afirmou que o desenho se tratava de uma fotografia, portanto não havia nada de pior.

Contudo, quando os esforços defensivos falhavam, eles recorriam à repressão (pESCOÇOS finos e frágeis e desenhos estáticos, sem dinamismo, como João, que representou duas fotografias; ou Carlos, que afirmou que a figura masculina “está observando eu desenhar ela”).

De maneira geral, a identidade dos pais mostrou-se preservada no sentido de integração da personalidade, embora a atribuição de características ideais a serem

atingidas comprometesse uma percepção mais realista de si e do outro.

TAT: Todos os pais colaboraram para realizar a atividade proposta, mas recorreram principalmente à descrição das imagens ao invés de elaborar histórias, como Carlos (prancha 2): “Essa figura aqui é uma fazenda, tem um agricultor preparando a terra para plantar. No fundo tem um lago e tem um depósito que deve ser um armazém de cereais”.

Outras reações foram: alto tempo de latência (João chegou a 3 minutos e meio na prancha 16), pedido de auxílio ao examinador para nortear a história (na prancha 7RH Carlos disse: “Essa vai ser a mais curta, que só tem dois personagens... se quiser perguntar algo...”), dificuldade para imaginar histórias, inventar e criar, principalmente em relação à prancha em branco (Paulo: “Essa não tem nada, a mais difícil...”; Fernando: “Essa deu branco”; Carlos: “Não tem nada aqui”).

Mais da metade das histórias foi contada com omissão de detalhes importantes e distorções, denotando escotomas e negações, mesmo que circunscritas e parciais, substituições perceptivas, como no caso de Paulo (13HF) “A figura que tá deitada ali parece mulher, o que me veio na mente foi o acontecimento da morte do meu pai”; Carlos (1) “Aparentemente parece um livro, um caderno, uma coisa, ao mesmo tempo parece uma fotografia”. Fernando, Márcio e João apresentaram distorção perceptiva na prancha 3RH, percebendo, no lugar da figura masculina, uma figura feminina: “Dulce era uma pessoa muito sozinha. Vivia muito deprimente”; “Esse aqui é um homem ou uma mulher? Uma adolescente, se chamava Paula”.

A maior parte das histórias apresentou passado, presente e futuro, indicando preservação do sentido de continuidade temporal, conforme avaliado pela adaptação às instruções. Por outro lado, apenas metade das histórias apresentou coerência, clareza e lógica, indicadores de capacidade de análise e síntese. Assim, em vários momentos, essas capacidades se mostraram comprometidas, com uso mínimo de detalhes na elaboração das histórias, principalmente nas pranchas que evocavam conteúdos mais depressivos (3RH), a imagem ideal de si (16), problemática sexual (4) e relação com a figura parental (12H). As perturbações apresentadas na prancha 3RH demonstraram uma tentativa de não entrar em contato com a própria depressão e agressividade, com a tristeza e a mágoa, recorrendo ao uso de defesas (intelectualização, repressão, negação) para se proteger desses sentimentos, como Paulo, que fala de tristeza, mas logo descreve a imagem de Nossa Senhora que ele sempre levava consigo, ou de Fernando, que não descreve aspectos

agressivos, mas somente beleza e atitudes construtivas, além de perceber uma figura feminina no lugar da masculina.

Houve maior identificação dos pais com heróis masculinos de idade aproximada às deles, indicando identidade sexual preservada. Os atributos foram predominantemente positivos, revelando identificação com figuras autoconfiantes, com autoestima elevada e que conseguiam atingir seus objetivos profissionais e aspirações pessoais. Em alguns relatos, os heróis começavam a estória de determinada maneira e, subitamente, mudavam para melhor, sem menção ao que conduziu a essa mudança, superando conflitos de forma mágica, por serem muito bons e especiais. Portanto, a autoestima elevada também pareceu ter um caráter sobretudo compensatório. Nesse contexto, os heróis apresentaram atitude de passividade perante o outro, buscando-o como ajuda externa na solução de seus conflitos. Desse modo, a potência era atribuída ao outro, que passava a ser visto como exemplo, como alguém que o herói idealiza e com quem busca se identificar. Assim, houve oscilação entre a autossuficiência e a dependência do outro.

Houve predomínio das necessidades de afiliação emocional, proteção reclamada<sup>2</sup>, realização, reconhecimento, conhecimento e proteção exercida. Os pais também enfatizaram os planos e objetivos profissionais em detrimento do sentimento que tinham em relação a algo ou alguém. Fernando, por exemplo, ao se referir a uma conquista profissional (realização), demonstrava que essa aquisição implicava na perda do afeto de alguém (afiliação emocional); assim, tais necessidades eram vistas como contraditórias. Do mesmo modo a necessidade de realização foi vista como antagônica à de satisfação das necessidades sexuais. Dessa maneira, o vínculo com o outro era visto como empecilho para suas realizações individuais.

Em relação às condutas, predominaram as de aprendizagem social em detrimento das instintivas; sua coexistência sugeriu que os pais não negavam as emoções, mas poderiam vivenciá-las, desde que pudessem controlá-las. De maneira geral, as condutas consumativas<sup>3</sup> predominaram sobre as outras, sendo caracterizadas pela iniciativa, força, coordenação,

tenacidade, mas também por extrema rigidez. Essas condutas foram acompanhadas das fictícias e suspensivas, marcadas pela passividade, descoordenação e, em alguns casos, pela impulsividade, pois o herói, quando estava em vias de entrar em contato com seu conflito, sentia-se paralisado ou agia de maneira impulsiva e descoordenada, sem conseguir chegar a uma solução.

O contexto social foi reconhecido pelos pais como positivo, com figuras que favoreciam a satisfação das necessidades dos heróis. Na relação com a figura feminina, os heróis pareciam servir como apoio e proteção, além de serem vistos como os únicos que conseguiam solucionar os conflitos conjugais. Eles perceberam a mulher principalmente como dependente, necessitando de cuidados, e não como um ser dotado de atributos sexuais, sugerindo dificuldades no estabelecimento de um vínculo com qualidades eróticas e genitalizado. Essa atitude em relação à mulher oscilava com uma outra, em que a elas eram atribuídos poderes e boas qualidades, o que os fazia temer tornarem-se dependentes dela. Enfim, a relação com o outro, principalmente com a figura feminina foi permeada pela ambivalência.-

A figura paterna algumas vezes foi vista como aquela que ora sustentava a criança e oferecia força e apoio, ora como aquela que abandonou os cuidados do filho. Desse modo, não havia continuidade no apoio e no cuidado oferecidos pela figura do pai, como nas estórias contadas na prancha 7RH: “Essa me parece a lembrança de todos os momentos em que meu pai ensinou coisas. Ele não era de conversar, mas suas atitudes ensinaram muita coisa, dentre elas a honestidade” (Paulo); “Tinha um homem muito ambicioso, portanto, sua ambição se afastava do dever de ser pai. Nunca tinha dado um beijo em seus filhos, um carinho” (Márcio). Mesmo assim, ela apresentou características mais positivas do que a figura materna. A figura materna foi percebida com características negativas ou ambivalentes, como aquela que não era capaz de suprir o afeto do filho, mas que precisava de cuidados, mostrando-se deprimida, incapaz e conflitiva: Paulo (3RH): “Essa figura parece uma estória de quando minha mãe ficou muito doente, ela teve um problema mental. Lembro que eu chorava muito”; Fernando (6RH): “Juca era um rapaz (...) dedicando a sua própria vida à sua mãe, a qual era um pouco doente. Fica muito dividido, pois sabe também que sua mãe precisava dele. O tempo passou e sua mãe veio a falecer. Ele então passa a ir quase todos os dias no túmulo de sua mãe”.

Quanto ao conjunto físico houve predomínio de características negativas, indicando que os pais percebiam o mundo exterior como ameaçador e

<sup>2</sup> Esta necessidade se refere a um pedido de proteção, à referência a figuras que poderiam oferecer proteção aos heróis.

<sup>3</sup> Neste modelo de análise do TAT, as condutas dos heróis são avaliadas de acordo com o nível evolutivo – instintivas ou de aprendizagem social – e nível de performance: afetivas, suspensivas, preparatórias, consumativas ou fictícias. Nas afetivas há predomínio do afeto; as suspensivas são quando os heróis não agem e esperam passivamente pela satisfação de suas necessidades; as preparatórias se referem ao predomínio do preparo para a satisfação; as consumativas aparecem quando os heróis conseguem satisfazer suas necessidades e as fictícias quando há predomínio de condutas irrealis.

com obstáculos, prejudicando a satisfação de suas necessidades, como pode ser visto no relato de Fernando (17RH) “Roger havia se acidentado e estava praticamente sem movimento, estava desiludido na cama e não fazia nada para se ajudar”.

Os desfechos dados pelos pais em relação às necessidades expostas, de maneira geral, foram sucessos voluntários totais e involuntários totais, indicando satisfação das necessidades tanto por iniciativa própria quanto por meio da ajuda do outro. Contudo, os sucessos foram totais mas com a presença das condutas fictícias e suspensivas. Quando consideradas consumativas, as condutas não foram precedidas pelas preparatórias, sugerindo que os heróis satisfaziam suas necessidades ou porque eram super-heróis ou porque outra pessoa conseguia obter a satisfação por eles, não porque havia um preparo e atitudes coordenadas para atingir os objetivos. Tal aspecto revela as dúvidas que os pais têm em relação às próprias capacidades, como se eles não conseguissem obter a realização por si mesmos e com o próprio esforço, dependendo do outro para tal. Também apareceu a ausência de desfecho, sugerindo relutância em falar do futuro e dificuldade em solucionar os conflitos. Algumas vezes essa ausência foi acompanhada de passividade, inibição na ação e evasão.

Temáticas como trabalho, moralidade e religião foram recorrentes nas narrativas. Os pais consideraram-nas mais importantes do que os relacionamentos e envolvimento amorosos. Os relacionamentos pareciam ser evitados por sua possibilidade de evocarem a agressividade ou necessidades sexuais. Mesmo em situações que evocavam sentimentos de raiva ou ódio, estes não podiam aparecer e os pais mostravam-se subjugados pela passividade. A intensidade das defesas contra os relacionamentos dificultava a expressão da criatividade e, ainda, não permitia um desenlace para o conflito. Houve um uso exagerado de ‘talvez’, ‘aparentemente’ e palavras como ‘grande pessoa’, ‘grande felicidade’, além do uso de datas, dando um sentido mais evasivo às histórias. Além disso, houve ausência de descrição de sentimentos e pensamentos do herói, sugerindo distância para evitar o envolvimento. Nesse sentido, os pais demonstraram um funcionamento marcado, principalmente, pelo domínio do controle racional sobre os afetos.

### **Síntese da avaliação dos casos**

A avaliação psicológica realizada sugere que os pais apresentaram pouco contato com seus próprios desejos e necessidades, com receio de que eles pudessem desorganizá-los, gerando, assim, intensa ansiedade. Por temor desse contato, eles recorriam ao isolamento

e à repressão como formas de se distanciarem dessa angústia derivada dos conflitos tanto entre o ideal de ego e o id quanto entre o ideal de ego e a realidade. Nesse processo eles acabam por inflar a capacidade mental como forma de controle afetivo, em detrimento da integração do afeto no psique-soma (Winnicott, 1949/2000). Essa inflação da mente resulta, assim, na diminuição da expressão criativa e do contato espontâneo com o mundo exterior, revelando prejuízo no sentimento de continuidade de existência do Self verdadeiro, que passa a ser protegido pelo falso Self (Winnicott, 1960/1983). Foi possível notar este tipo de funcionamento falso Self em três dos pais (Paulo, João e Carlos), que mostraram um ideal de ego com exigências muitas vezes inatingíveis e pouco realistas. Com isso, permanecia neles o sentimento de que estavam realmente muito distantes do que consideravam ser o seu papel de ‘pai’ e ‘homem’ perfeitos.

As informações relativas às imagens parentais dos pais fornecem indícios dos alicerces sobre os quais essa psicodinâmica foi erigida. Assim, a figura materna que os pais dispunham caracterizava-se como sendo ora dependente, ora poderosa e difícil de ser satisfeita, exigindo muito deles para que cumprissem suas responsabilidades e, assim, merecessem o seu afeto. Eram figuras vistas como ‘sexualmente neutras e imparciais’, já que o uso do isolamento e da repressão fez com que se retirasse toda e qualquer conotação sexual em relação a elas: desse modo elas eram vistas como a santa (Virgem Maria) ou a matrona. Essa imagem da mãe parecia ser transposta para a esposa ou companheira que passava também a ser percebida como desprovida de atributos sexuais, dificultando um envolvimento erótico genitalizado, que era substituído pelo vínculo anaclítico em que ela se torna dependente deles, embora eventualmente essas posições sejam trocadas. Portanto, os pais demonstraram necessidade de cuidar desta figura, servindo como apoio e sustentação, mas nem sempre mostraram êxito nessa empreitada.

A figura paterna apresentou características mais positivas que a materna, porém ambas usavam da autoridade por meio de punições e sanções, deixando de mostrar a função protetora dos limites; desse modo, exigiam que os filhos solucionassem sozinhos seus conflitos e inseguranças. Essas características das figuras parentais parecem ter dificultado o processo de integração entre a razão e o afeto, gerando um distanciamento entre a mente e o psique-soma, que dificulta a expressão de criatividade, o sentimento de continuidade com o mundo, e pouca confiança na própria segurança e autonomia. Em termos práticos, parece ter sido essa psicodinâmica que levou os pais



a valorizarem mais as posições a galgar no mundo para obter o reconhecimento e o aplauso do outro, fundamentando nele as bases de sua autoestima. Daí a sua fantasia de que, se forem bons profissionalmente, conseguirão o afeto do outro. Dessa maneira, a mente (particularmente o intelecto) se sobrepõe à expressão do verdadeiro Self, corroborando a dissociação entre mente e psique-soma.

Para cumprir as exigências profissionais e materiais que se impõem, os pais sentem que devem ser perfeitos, não se permitindo cometer erros. Contudo, como a exigência de ser sempre perfeito e correto é impossível de ser atingida, eles se sentem distantes de seu ideal ilusório e abstrato, os filhos, e fazendo com que acreditem que nunca serão bons o suficiente para os próprios pais.

Essas mesmas exigências que os pais têm para consigo mesmos são também atualizadas em sua relação com os demais, principalmente com os filhos, passando a demandar desses últimos feitos grandiosos, muito distantes da realidade ou mesmo impossíveis.

Essa dinâmica paterna mostra a dificuldade dos pais em verem a si próprios e aos filhos de forma completa, integrada e realista. O afeto, a impulsividade, a espontaneidade são vistos como obstáculos para o alcance de seus objetivos mais “sublimes” e, por isso, devem ser dominados. Da mesma maneira, ao se relacionar com a criança, eles tentavam dominar a impulsividade que surgia no filho, exercendo um controle severo por meio de uma autoridade que era sobretudo punitiva. Com isso deixavam de apoiar o filho e também a mãe, sem sustentá-la em sua função, e de suprir as necessidades das crianças, de cuidado, apoio e proteção (Winnicott, 1965/1993). Com isso, parecem sentir-se pouco capazes de auxiliar a mãe em sua função, bem como insuficientes para conter as angústias da relação entre ela e a criança. Tal função é imprescindível para que as mães possam dedicar-se a seus filhos, oferecendo-lhes *holding* e cuidados emocionais (Colucci, 1997; Winnicott, 1965/1982).

Essa psicodinâmica paterna é passível de, entre outras consequências, dificultar o desenvolvimento da capacidade de simbolizar e de pensar da criança, pois estas condições são realizadas somente quando há adequada frustração por meio da imposição de limites, que promove um estímulo às funções do ego infantil. Com isso, a capacidade para o faz-de-conta fica comprometida e, em consequência, o sentimento de uma união genuína com o mundo (Winnicott, 1969/1994).

Assim como os pais perceberam a figura feminina como necessitando de cuidados (vínculo mais anaclítico que sexual), os filhos também foram

vistos como dependentes de apoio, mas que deveriam apresentar autonomia e, assim, darem conta de se arranjarem sozinhos. Dessa maneira, os pais pareciam se sentir pouco capazes de oferecer suporte suficiente para promover a autonomia dos filhos, ou de apoiar a figura materna no exercício desta função. Com isso, existe o risco de dificultar o acesso dos filhos à vivência triangular e edípica, já que acabam por mantê-los na dependência, sem permitir que eles demonstrem seus afetos agressivos e desejos sexuais.

Essa psicodinâmica dos pais sugere que eles pouco podem ajudar na composição de um ambiente suficientemente bom capaz de promover um desenvolvimento harmônico para seus filhos. Eles parecem ter dificuldade para prover as crianças de um sentimento de segurança necessário para a expressão pessoal e criativa no mundo. Isso parece ocorrer porque os pais, eles mesmos, mostraram-se dependentes das exigências da realidade e dos acontecimentos exteriores, estando pouco à vontade na área dos fenômenos transicionais. Restrita a área da fantasia, da simbolização e do encontro entre as realidades subjetiva e compartilhada, para os pais a maneira prioritária de se relacionar com o mundo é por meio da intermediação de demandas e objetos do mundo concreto, afastando-os cada vez mais de si mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do pai no desenvolvimento emocional infantil saudável ou patológico é pouco discutida na literatura em comparação com a da mãe, demandando mais pesquisas a seu respeito.

Neste estudo, que tratou dos psicodinamismos de pais de crianças com obesidade, uma patologia orgânica derivada de uma perturbação do comportamento alimentar, percebeu-se que eles, de maneira geral, apresentaram capacidade de ver o outro como diferente deles mesmos, mas com dificuldade para percebê-lo de uma forma completa e integrada, já que o outro era destituído de sexualidade e de agressividade (características que eles também negavam em si próprios). A visão que os pais tinham de si mesmos e dos filhos era a de que podiam atingir a perfeição (idealização) desde que nada escapasse ao controle (pulsões, espontaneidade). Assim, eles se sentiam perdidos diante das dificuldades de suas crianças, que eram combatidas por meio de um exercício demasiado austero da autoridade, sem a percepção de que algo estaria subjacente ao problema (a própria criança não poderia apresentar problemas para não exigir cuidados, o que dificultava a percepção da obesidade dos filhos). Eles apresentavam um apego intenso à realidade

objetiva, o que os tornava capazes de perceber as necessidades materiais dos filhos e proporcionar a eles um cuidado concreto, porém, pouco afetivo, dada suas dificuldades de doação emocional.

Esse funcionamento psíquico dos pais, por colocar entraves no exercício suficientemente bom da paternidade, seria passível de influenciar negativamente a maneira como os filhos irão se relacionar com o mundo compartilhado e os objetos externos. Dessa maneira, na oferta de atenção psicológica à criança obesa, é importante que eles também se sintam vistos, ouvidos em suas necessidades, e que recebam suporte emocional para poderem confiar em si mesmos e, com isso, disporem de melhores condições para auxiliar no desenvolvimento da autonomia dos filhos. Atenção particular precisaria ser dada à qualidade da autoestima, que lhes impulsiona a buscar exigências irreais e demandas impossíveis de serem atingidas para se assegurarem de seu valor como pessoas.

Desse modo, o presente estudo oferece à literatura sobre a obesidade e sobre o desenvolvimento emocional infantil um alerta para a importância de compreender essa patologia em panorama mais amplo, considerando que não é apenas a criança ou ela em sua relação com a mãe que precisam de cuidado e de apoio psicológicos.

## REFERÊNCIAS

- Abrantes, M. M., Lamounier, J. A., & Colosimo, E. A. (2002). Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste. *Jornal de Pediatria*, 78(4), 335-340.
- Appart, A., Tordeurs, D., & Reynaert, D. (2007). La prise en charge du patient obèse: Aspects psychologiques. *Louvain Medical*, 126(5), 153-159.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Békei, M. (1984). *Transtornos psicossomáticos en la niñez y la adolescencia*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- Benedetti, C. (2003). *De obeso a magro: A trajetória psicológica*. São Paulo: Vetor.
- Bruch, H. (1975). Emotional aspects of obesity in children. *Pediatric Annals*, 4(1), 91-99.
- Buck, J. N. (2003). *H-T-P: Casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho – manual e guia de interpretação*. (R. C. Tardivo, Trad.). São Paulo: Vetor. (Trabalho original publicado em 1964).
- Campos, A. L. R. de. (2005). Aspectos psicológicos da obesidade. In M. Fisberg (Org.). *Atualização em obesidade na infância e adolescência* (pp. 107-112). São Paulo: Atheneu.
- Colucci, A. M. (1997). Origem da família e mitos do nascimento: observações psicanalíticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31(1), 105-196.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Etchegoyen, A., & Trowell, J. (2002). *The Importance of Fathers – a psychoanalytic re-evaluation*. Hove: Bunner-Routledge.
- Fisberg, M., Cintra, I. P., & Oliveira, C. L. de. (2005). Epidemiologia e diagnóstico da obesidade: abordagem inicial. In M. Fisberg (Org.). *Atualização em obesidade na infância e adolescência* (pp. 11-16). São Paulo: Atheneu.
- Freitas, W. de M. F., Silva, E. de A. C. C., Guedes R. N., Lucena, K. D. T., & Costa, A. P. T. (2012). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Fulgencio, C. D. R. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento. Um estudo sobre Winnicott*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Grunspun, H. (2003). *Distúrbios neuróticos da criança: Psicopatologia e psicodinâmica*. 5ª ed. São Paulo: Atheneu.
- Hennigen, I. (2010). Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. *Revista de Psicologia*, 22(1), 169-184.
- Jackemin, A., Barbieri, V., & Okino, E. T. K. (2001). *O teste de percepção temática – TAT*. Apostila do Centro de Pesquisa em Psicodiagnóstico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto.
- Klatau, P. (2002). *Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan*. São Paulo: Escuta.
- Lobstein, T., Baur, L., & Uauy, R. (2004). Obesity in children and young people: a crisis in public health. *Obesity Reviews*, 5(Suppl. 1), 4-85.
- Mishima, F. K. T. (2007). *Investigação das características psicodinâmicas de crianças obesas e de seus pais*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Moreira, L. V. C., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (2009). Olhares de crianças bahianas sobre família. *Paidéia*, 19(42), 77-85.
- Morval, M. V. G. (1982). *Le TAT et les fonctions du moi: propédeutique à l'usage du psychologue clinicien*. Canadá: Les presses de l'Université de Montréal.
- Motta, I. F. (2006). *Orientação de pais, novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Outeiral, J., & Celeri, E. H. R. V. (2002). A tradição Freudiana de D. Winnicott – A situação edípica. E sobre o pai? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 757-777.
- Rohner, R. P. (1998). Father love and child development: history and current evidence. *Current directions in psychological science*, 7(5), 157-161.
- Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 2(1), 79-95.
- Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96.
- Scaglia, A. P. (2011). *Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o desenvolvimento do self infantil*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Silva, M. C. V. M. (1984). *Caraterísticas de época dos estímulos e sua influência nas respostas ao TAT*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(4), 561-573.
- Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin, Y. S. Lincoln (Org.). *Handbook of qualitative research* (pp. 435-454). London: Sage.

- Trinca, W. (1984). Processo diagnóstico de tipo compreensivo. In *Diagnóstico psicológico: A prática clínica* (pp. 14-24). São Paulo: EPU.
- Wang, Y., & Beydoun, M. A. (2007). The obesity epidemic in the United States – Gender, age, socioeconomic, racial/ethnic and geographic characteristics: A systematic review and meta-regression analysis. *Epidemiologic Review*, 29(1), 6-28.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1993). *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1994). Sobre o uso de um objeto. In C. Winnicott, R. Sheperd, & M. Davis (Orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (J. O. A. Abreu, Trad.) (pp. 170-191). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1996). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, Trad.) (pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, Trad.) (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2000). A mente e sua relação com o psique-soma. In *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas* (D. Bogomoletz, Trad.) (pp. 332-346). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1949).

**Autores:**

Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes – Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Psicóloga contratada do Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP.

Stéfani Zanovello Dezan – Psicóloga formada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

Valéria Barbieri – Docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

**Endereço para correspondência:**

Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes  
Departamento de Psicologia  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP)  
Av. Bandeirantes, 3900, Bloco 5 – Campus Universitário Monte Alegre  
CEP 14040-901 Ribeirão Preto, SP, Brasil  
Tel.: +55(16)3602-3819 – Fax: (16)3602-4835  
E-mail: fktmishima@ffclrp.usp.br

Recebido em: 09.05.2013

Aceito em: 29.05.2014